

# MACAQUINHOS

*Uma das buscas que tem movido especialmente as práticas artísticas é a superação da anestesia da vulnerabilidade ao outro, própria da política de subjetivação em curso. É que a vulnerabilidade é condição para que o outro deixe de ser simplesmente objeto de projeção de imagens pré-estabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência e os contornos cambiantes de nossa subjetividade.*

Suely Rolnik

Macaquinhos foi criado a partir do livro “O povo brasileiro” de Darcy Ribeiro, assumindo a pluralidade do ser brasileiro e trazendo a metáfora do hemisfério sul representados pelos povos misturados de negro, índios e europeus, onde a imponência do norte sobre o sul e a ficção criada do entendimento de que o que está em cima é mais importante do que está embaixo, idéia essa que “conduziu os primeiros cirurgiões e líderes religiosos a considerar o rabo humano algo de menor importância...prejudicaram a inserção do rabo na cultura como um nobre instrumentos natural do





homem. É pelo menos curioso entender como animalesca uma parte do nosso corpo, enquanto outras partes são aceitas como divinas.” (PUTNAM, 2000, p. 232). Investigando o órgão excretor como metáfora do “hemisfério sul” no corpo, paramos e nos movimentamos para olhar para o desconhecido, para o obscuro e assim assimilamos rotas, gestos e caminhos possíveis por este criado. Região essa que expressa e promove o trânsito entre as contradições e tensões da formação cultural brasileira e das sociedades contemporâneas e pós-coloniais, tais como desejável e asqueroso, masculino e feminino, homossexual e heterossexual, algoz e suplicado, pornográfico e íntimo, selvagem e civilizado etc.

A performance explora a transformação subjetiva do corpo em seu estado limite, através das ações contínuas de paquerar, cutucar, assoprar, procurar e tocar um o rabo do outro. A partir de um entendimento





coreográfico esse trabalho se configura no campo estético ao ampliar maneiras e modos de existir, na mão contrária do contrato social heterocentrado e normativo em que o pensamento e a produção de conhecimento acabam outorgadas como verdades biológicas. O pensamento coreográfico aqui se dá pelos saberes periféricos e pela resistência à produção disciplinar das formas, por meio da contaminação, onde o fluxo de informação acontece de um corpo a outro no encontro que se firma pela construção através do reconhecimento do ânus como elemento igualador evidenciado no próprio corpo. Aqui a ação se dá pelo reconhecimento do outro como si mesmo, compondo com o todo um nós coletivo viável, conectados por um lugar comum em todos os corpos trazendo uma unidade entre tantas singularidades e tomando consciência da importância de se refazer a todo instante, pela necessidade de reconhecer-se penetrável e frágil, evitando um líder, doutrina ou instância, que hierarquize as relações e esse conjunto até então penetrável e poroso acabe virando o centro e a autoridade, por isso a necessidade de se reinventar criando estratégias para não cristalizar numa estrutura fixa como um partido ou estado que determina e fecha esse corpo único.

#### **Macaquinhos**

*Andrez Lean Ghizze, Caio, Daniel Barra, Fernanda Vinhas, Luiz Gustavo Lopes, Rafael Amambahy, Renata Alcoba, Teresa Moura Neves, Mavi Veloso e Yuri Tripodi.*